



Um conto há mais

Osvaldo Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Osvaldo

Um conto há mais : sempre há um conto a mais /
Osvaldo Andrade. -- 1. ed. -- Cidreira, RS :
Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-65914-6

1. Contos brasileiros I. Título.

23-150082

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

CERTIFICADO DE REGISTRO DE DIREITO AUTORAL

A Câmara Brasileira do Livro certifica que a obra intelectual descrita abaixo, encontra-se registrada nos termos e normas legais da Lei no 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil.

Conforme determinação legal, a obra aqui registrada não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu(s) autor(es).

Osvaldo Andrade
Cunhado

ISBN: 978-65-00-65914-6

Impresso no Brasil

Editado por autor.

Índice

Introdução	05
A história	07
Gênese da maçã	11
Grandes guerreiros	15
Por um desejo real	19
O lago dos peixes	27
Fiel amigo	31
A velha da meia noite	35
Retrato	45
O cachorro da lage	47
A história mais antiga	49
Surpresa	51
Os brincos	61
Um natal para esquecer	63

O poceiro	65
Homem inventou Deus	69
O voo do urubu	73
Semente	77
Prisão	79
Padrinhos	81
História do Lobo Mau	90
Como escrever um conto?	91

Um Conto Há mais

Introdução

O conto não é apenas uma narrativa, pelo simples fato de que narrar é contar alguma coisa. O conto é como uma pessoa, individual, único. Essa narração geralmente curta e comumente escrita em prosa traz como elementos centrais suas personagens, ações e as ideias que passam a existir a partir do momento em que se conta.

O ato de narrar surge não só da busca em transmitir uma comunicação qualquer, um acontecimento ou situação de que se tenha participado direta ou indiretamente, mas da proeza artística de contar. E esse conto ganha uma forma mágica quando a arte literária o envolve completamente.

Nesta obra, “Um conto há mais” são reunidas diversas histórias em diferentes técnicas de narração. Ela aponta aspectos do ato de narrar ao mesmo tem-

po em que conta. E prepara o leitor para o seu próprio conto.

Pois tudo o que conhecemos não é de fato, é de fruto. O fato existe e não pode ser modificado, mas o fruto é feito por homens que contam sua história como se fato fosse.

O fruto pode amadurecer na cabeça de toda humanidade de tal forma, que aquilo que nunca existiu passa a ter existência eterna na sequência da vida.

Assim vou contar-lhe algumas histórias. Vou falar de fatos com existência própria. Nem da verdade, nem da mentira; mas de histórias que passam a existir.

Entra!

Sinta-se à vontade.

A História

O diálogo!

Neste conto, toda a narrativa é construída através das falas, com raríssimas interferências do narrador. A história vai sendo contada através do diálogo; a reprodução de maneira direta da fala das personagens - o que torna o conto dinâmico.

No início era uma letra.

- Uma letrinha só!

No segundo dia, viu outra letra... e outras.

- Uma letra com outras letras podem formar palavras. E as palavras podem formar frases. E as frases podem transmitir mensagens. É só colocar a letra certa na palavra certa, no lugarzinho certo da frase que...

- Ora, cale a boca!

- O que foi?! Quem disse isso?

- Eu disse. Agora cale a boca!
- Uma borracha falante?! Essa é boa.
- Isso mesmo, borrachas não falam.
- Viu só. Uma letrinha com outra letrinha e tudo fala. Fale comigo dona Borracha.
- Borrachas não foram feitas para falar. Foram feitas para apagar.
- Ora, mas você está falando.
- Pois não vamos falar. Agora fique quieta, senão eu apago você.
- Ora, por quê?
- Porque as letras e as borrachas não devem conversar.
- Por quê?
- Por que é assim!
- Mas eu não vejo motivo de não conversar.
- Ora, sua letrinha intransigente...
- Ei! Ei! Parem com isso aí vocês duas.
- Um lápis intrometido. Era só essa que me faltava... Você vai fazer o quê, seu esquelético desafinado? Sou uma borracha e sou feita para apagar. Você não pode impedir que eu apague essa letrinha atrevida.

- Se você apagar, eu escrevo novamente.
- Muito bem seu Lápis! Me dê força. Nós, as letras, não fazemos mal algum, só falamos tudo que deve ser dito.
- Que desordem é essa que está acontecendo aqui sobre a mesa?
- Isso mesmo seu Grampeador, venha socorrer-me também.
- O que você está pensando sua letrinha insignificante?! Que eu, com toda a minha importância de ferro, vou estar a socorrer letras que criam palavras, que podem trazer ideias às folhas em branco. O quê! Arriscar uma desordem na papelada? Nem pensar.
- Pois fique o senhor sabendo, seu Grampeador, que eu também tenho a minha importância. Só os analfabetos é que não sabem disso. Infelizmente!
- Ainda bem que não sabem. E quanto mais não souber disso, melhor. Tome! "Tonronque".
- Socorro! Ele me grampeou na folha. Socorro.
- Calma! Vou salvá-la.
- Mas o que um lápis poderá fazer contra este grampo?
- Não sou eu o dono das ideias, porém elas passam por mim, já esqueceu?!

- E daí! Não estou entendendo.

- Não vou deixá-la presa aí. Como lápis nada posso fazer para remover o grampo, mas pedirei ajuda a um lápis borracha e tudo estará resolvido.

- Será que ele vai concordar? Será que você o convencerá?

- Claro! Um lápis tem o seu poder de persuasão. É uma questão de diplomacia.

Passaram os números do relógio enfileirados até a outra extremidade da mesa.

- Mas Lápis borracha, estou a pedir que apague só um cantinho. O suficiente para soltar a Letra daquele infernal grampo.

- Não. Já disse que não.

- Imagine se aquele grampo prendesse você. Como iria apagar? Depois, com o passar do tempo, a ferrugem daquele grampo lhe corroendo...

- Está bem. Está bem. Mas só um cantinho. O suficiente.

E assim foi feito. As letras formaram palavras e as palavras cresceram e se multiplicaram em novas palavras. E com as palavras, todas as frases puderam existir. E com as frases existindo pode-se escrever a história.

Gênese da maçã

A figura do narrador!

Gênese da maçã é uma fantasia em que as personagens são animais. Onde o narrador faz uso da descrição dinâmica e da fala das personagens para tecer o enredo do conto. Nesse caso, o texto expressa uma verdade como autor - nada pessoal - inventado.

A voz que fala no texto é de uma personagem criada pelo autor - o narrador.

No início era uma maçã e, dentro desta maçã morava uma lagarta e, esta lagarta morava só.

O mundo era imenso. A comida farta (era o próprio chão, as paredes, o teto) bastava morder um pouquinho e já sentia-se satisfeita. Comia. Sonhava com nada ou com o que comia. Não havia frio nem calor. Tudo era bom e belo. Havia um perfume suave de maçã madura, uma calma e tranquilidade pelos estreitos caminhos brancos, onde passeava a lagarta nas horas de nada fazer. Quando o vento corria forte por entre

as macieiras, a lagarta deitava-se num cantinho, só para ouvi-lo soprar no buraquinho que na maçã havia, para que não faltasse ar lá dentro.

Mas as maçãs estavam prontas para serem colhidas. E foram colhidas. E levadas a uma feira, onde foram colocadas à venda.

O vento não mais brincava nas folhas das árvores, mesmo porque ali não havia árvores, nem cochichava no ouvido da maçã. Só um calor que parecia a cada instante mais quente. E um cheiro de azedo.

A lagarta passou a preocupar-se e conheceu a solidão. Sentia-se muito triste. Triste por estar só. Porque não tinha ninguém para conversar.

O mundo ficou amargo. Porém a lagarta não saía de dentro da maçã.

Passaram-se longos instantes na vida de uma lagarta... Até que ela resolveu sair pelo furinho e procurar o vento.

Quando pôs a cabecinha fora da maçã, espantou-se! Ela que pensava morar na única maçã do mundo, encontrou-se agora no meio de incontáveis maçãs.

- Meu Deus! Quantos mundos...

- São maçãs.

Disse uma voz lá de cima.

- Quem é... você?!

Explicou, então, a outra, que era uma lagarta e também morava em uma maçã; mas como sabia que estava em uma feira - e meio a tantas maçãs - não resistia a tentação. Estava procurando outra para morar por mais alguns dias. Uma que fosse maior e que não tivesse lagartas.

- Com licença! Deixe-me passar. Humm! Que cheiro ruim sai da sua maçã. Procure outra meu rapaz, ela está apodrecendo.

A lagarta continuava surpresa. Ficou ali, paradinha, olhando a outra que sumia entre as frutas.

Correu um pouquinho para frente. Chamou. Pulou. Quase caiu da maçã. Por sentir-se só, tentou seguir a outra, contudo não sabia mais por onde ir.

- Acho que foi só ilusão. Não existem lagartas.

O sentimento de solidão agora era maior. Estava entre várias maçãs, mas não tinha com quem conversar.

Caminhava sobre maçãs. Subia. Descia. E tornava a subir... Assim passavam-se os instantes. Até que:

- Olá, você! Por que está tão triste?

Era uma lagartinha de olhos verdes, fotograficamente sentada num cantinho de maçã.

- Você existe mesmo?

- Eu acho que sim (Piscando os olhinhos).

Sentaram-se próximos uma da outra e conversaram sobre maçãs. As maçãs são redondas; pode-se dar a volta numa delas e chegar ao mesmo ponto de partida. Uma contou das maçãs que já conheceu. A outra falou da visão que teve.

- Não foi visão. Foi o meu irmão. Ele me deixou aqui e foi procurar uma maçã grande para morar sozinho. Eu detesto viver só. Ele diz que uma lagarta deve viver na sua própria maçã, e que duas lagartas comem muito rápido uma maçã.

- Você acha que duas lagartas...

- Acho que não! Duas lagartas vivem muito bem numa maçã.

- Bem, então...

- Então está combinado! Vamos entrar e morar aqui mesmo. Depois, com o tempo, podemos procurar uma maçã mais espaçosa.

E assim fizeram.

Passados alguns dias, já se podia ver várias lagartinhas correndo por entre as maçãs da feira.

Site: ocsan.net/autor

E-mail: osvaldoandradeautor@gmail.com